

# **MANUAL DE EDITORAÇÃO E ESTILO**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

*Reitor*  
*Coordenadora Geral da Universidade*

Antonio José de Almeida Meirelles  
Maria Luiza Moretti



EDITORA DA UNICAMP

*Diretora*

Edwiges Maria Morato

*Presidente*

CONSELHO EDITORIAL  
Edwiges Maria Morato  
Carlos Raul Etulain  
Cícero Romão Araújo  
Frederico Augusto Garcia Fernandes  
Iara A. Beleli  
Marco Aurélio Cremasco  
Maria Tereza Duarte Paes  
Pedro Cunha de Holanda  
Sávio Machado Cavalcante  
Verónica Andrea González López



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor*  
*Vice-reitora*

Carlos Gilberto Carlotti Junior  
Maria Arminda do Nascimento Arruda



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Diretor-presidente*

Sergio Miceli Pessôa de Barros

*Presidente*  
*Vice-presidente*

COMISSÃO EDITORIAL  
Rubens Ricupero  
Maria Angela Faggin Pereira Leite  
Clodoaldo Grotta Ragazzo  
Laura Janina Hosiasson  
Merari de Fátima Ramires Ferrari  
Miguel Soares Palmeira  
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior

SUPLENTES  
Marta Maria Gerales Teixeira  
Primavera Borelli Garcia  
Sandra Reimão



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

*Reitora*  
*Vice-reitor*

Sandra Regina Goulart Almeida  
Alessandro Fernandes Moreira



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

*Diretor*  
*Vice-diretora*

Flavio de Lemos Carsalade  
Camila Figueiredo

*Presidente*

CONSELHO EDITORIAL  
Flavio de Lemos Carsalade  
Ana Carina Utsch Terra  
Angelo Tadeu Caetano  
Camila Figueiredo  
Carla Viana Coscarelli  
Élder Antônio Sousa e Paiva  
Emília Mendes Lopes  
Énio Roberto Pietra Pedroso  
Henrique César Pereira Figueiredo  
Kátia Cecília de Souza Figueiredo  
Livia Maria Fraga Vieira  
Luciana Monteiro de Castro Silva Dutra  
Luiz Alex Silva Saraiva  
Marco Antônio Sousa Alves  
Raquel Conceição Ferreira  
Renato Assis Fernandes  
Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi  
Rita de Cássia Lucena Velloso  
Rodrigo Patto Sá Motta  
Weber Soares

# Manual de Editoração e Estilo

PLINIO MARTINS FILHO

## *Colaboradores*

Geraldo Gerson de Souza  
Maria Cristina Marques  
Aristóteles Angheben Predebon  
Naiara Raggiotti  
Thiago Mio Salla  
Lucas Legnare  
Vera Lucia B. Bolognani  
Adriana Garcia  
Anderson Alves da Silva

*2ª edição*

Copyright © 2016 by Plínio Martins Filho.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem autorização, por escrito, das editoras e do autor.

1ª edição 2016

2ª edição 2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento  
Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP

---

Martins Filho, Plínio.

*Manual de Editoração e Estilo* – 2. ed. – Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

Inclui anexos.

Inclui bibliografia.

Inclui índice remissivo.

978-85-268-1609-1 (Editora da Unicamp)

978-65-5785-160-9 (Edusp)

978-65-5858-124-6 (Editora UFMG)

1. Editoração. 2. Produção editorial. 3. Manual de editoração e estilo. I. Plínio Martins Filho. II. Título.

---

Direitos reservados a

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421  
– 3º andar  
Campus Unicamp  
13083-859 – Campinas – SP  
Tel.: +55 19 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br  
vendas@editora.unicamp.br

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo  
Rua da Praça do Relógio, 109-A  
Cidade Universitária  
05508-050 – São Paulo – SP  
Divisão Comercial: Tel.: + 55 11 3091-4008  
/ 4150  
www.edusp.com.br  
edusp@usp.br

Editora UFMG  
Av. Antônio Carlos, 6627  
– CAD II / Bloco III  
Campus Pampulha  
31270-901 – Belo Horizonte – MG  
Tel.: + 55 31 3409-4650  
www.editoraufmg.com.br  
editora@ufmg.br

Printed in Brazil.  
Foi feito o depósito legal.

*Para o Livro,  
que me deu néctar...*

*A meu pai, que escrevia na areia.*

*A Venusa, minha irmã mais velha,  
minha mãe mais nova.*

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS A

*J. Guinsburg e João Alexandre Barbosa  
(in memoriam), que me deram a  
oportunidade de aprender.*

*Jerusa Pires Ferreira, que me levou para a  
universidade e sempre me incentivou.*

*Ivan Teixeira, um amigo que  
foi embora muito cedo.*



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - *J. Guinsburg*, 9

PREFÁCIO - *Marisa Midori Deaecto*, 11

INTRODUÇÃO, 15

**Parte I. O ORIGINAL, 21**

1. Aspectos Formais, 23

**Parte II. ESTRUTURAÇÃO DO ORIGINAL, 33**

2. Pré-textuais, 37

3. Textuais, 91

4. Pós-textuais, 99

5. Elementos de Apoio ao Texto, 115

**Parte III. EDIÇÃO DE ORIGINAL, 149**

6. Revisão e Preparação de Texto, 151

7. Marcação de Texto, 183

**Parte IV. PROJETO GRÁFICO E TIPOLOGIA, 193**

8. Noções Básicas, 195

9. Classificação dos Tipos, 205

**Parte V. REVISÃO, 223**

10. Revisão de Provas, 225

**Parte VI. NORMALIZAÇÃO TIPOGRÁFICA, 249**

11. Redondo, 251

12. Itálico/Grifo, 257

13. Negrito, 265

14. Versal, Versalete e Versal-versalete, 269

**Parte VII. ORTOGRAFIA, 275**

15. O Novo Acordo Ortográfico na Prática, 279

16. Reduções, 285

17. Abreviaturas, 289

18. Siglas, 337

19. Símbolos, 383

20. Signos, 421

21. Translineação e Hifenização, 443

22. Maiúsculas e Minúsculas, 455

23. Numerais, 485

24. Estrangeirismos, 493

**Parte VIII. LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 497**

25. Línguas de Escrita Latina, 501

26. Alemão, 505

27. Catalão, 513

28. Dinamarquês, 517

29. Espanhol ou Castelhanos, 519

30. Finlandês, 525

31. Francês, 529

32. Holandês, 535

33. Inglês, 539

34. Italiano, 545

35. Latim, 551

- 36. Línguas de Escritas Diversas, 557
- 37. Árabe, 559
- 38. Chinês, 563
- 39. Grego, 567
- 40. Hebraico, 575
- 41. Japonês, 579
- 42. Russo, 583

#### Parte IX. PONTUAÇÃO, 591

- 43. Áspas, 597
- 44. Asterisco, 607
- 45. Travessão, 609
- 46. Parênteses, 619
- 47. Colchetes, 623
- 48. Chaves, 627
- 49. Barras, 629
- 50. Ponto de Interrogação, 633

- 51. Ponto de Exclamação, 635
- 52. Ponto e Vírgula, 637
- 53. Ponto-final, 639
- 54. Vírgula, 643
- 55. Dois-pontos, 647
- 56. Reticências, 649
- 57. Apóstrofo, 651

#### Parte X. BIBLIOGRAFIA, 653

- 58. Tipos de Bibliografia, 657
- 59. Aspectos Formais da Notação Bibliográfica, 663
- 60. Elementos Essenciais para a Notação Bibliográfica, 667

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 697

#### ÍNDICE REMISSIVO, 703



## APRESENTAÇÃO

*J. Guinsburg*

Plínio Martins Filho me faz um convite honroso, dando-me o prazer de me expressar a respeito do belo *Manual de Editoração e Estilo* que ora publica. É um trabalho que resulta de quase cinquenta anos de prática no campo da editoração, iniciados, para o meu orgulho, na Perspectiva e que o converteram em um dos melhores professores e editores em atividade não só em São Paulo e, porque não dizê-lo, no Brasil, como evidencia a sua folha de serviços na Edusp e na Ateliê.

Se me foi dada essa oportunidade, só posso acrescentar aquilo que o leitor, especializado ou não, poderá comprovar, ao percorrer as páginas deste compêndio: tanto do ponto de vista técnico, isto é, editorial, e não menos didático, como sob o ângulo da personalidade que o concebeu, tem-se aqui uma contribuição das mais relevantes e úteis na bibliografia especializada em português.

Estou certo de que, assim sendo, ela irá servir e beneficiar com enorme proveito alunos no seu curso e profissionais no seu labor. E não poderia deixar de desempenhar esse papel, pois o seu autor imprimiu aí mais um testemunho de seu gosto pelo estudo e criação das belas coisas e dos grandes produtos da cultura e da arte que o conduziram a esse grau de domínio de seu ofício e de sua disciplina na ECA. E, em igual nível, cumpre ressaltar ainda que o organizador incluiu o aporte do saber e da perícia de profissionais de alto quilate, como Geraldo Gerson de Souza, Vera Lúcia B. Bolognani e os demais participantes do empreendimento.

Espero que, assim sendo, o tributo que presto à realização deste compêndio não seja levado à conta de um louvor gratuito. Pois, tenho certeza de que, quem quer que tenha noção do que seja o trabalho de preparação de texto, de revisão e de diagramação, há de partilhar dessa avaliação e recomendar a quem

esteja nesse campo de atividade munir-se deste *Manual*. Fazendo-o, ele terá por certo em mãos uma ferramenta valiosa, tanto para o aprendizado, quanto para a prática de um mister, e mais do que isto, de uma arte, porquanto, em essência, trata-se de uma arte que é aqui praticada, e que só se pode praticar com imenso amor ao livro nas suas formas e nos seus conteúdos.

## PREFÁCIO

*Marisa Midori Deaecto*

Professora Livre Docente em História do Livro da USP

*Um livro perfeitamente acabado contém uma boa doutrina, apresentada adequadamente pelo impressor e pelo revisor. É isso o que considero a alma do livro. Uma bela impressão sobre a prensa, limpa e cuidada, é o que faz com que eu possa compará-lo a um corpo gracioso e elegante.*

ALONSO VICTOR DE PAREDES, *Institución y Origen del Arte de la Imprenta*, c. 1680

Leitores há, de todo tipo. Há o leitor concentrado, o leitor interativo, o leitor crítico, o leitor intensivo, o leitor solidário, o leitor malcomportado... e, coisa do novo milênio, há também o leitor eletrônico. O *e-reader* dos anglo-saxões ou a *liseuse*, batizada, assim, à moda francesa, com o gênero feminino bem demarcado. Mas existe um tipo de leitor que fica escondido atrás do livro e que vê tudo o que os outros leitores não podem ver. É um leitor exigente, do tipo tinoso, que não dorme no ponto, não salta as linhas – quiçá, as páginas! – e que deixa a casa sempre em ordem para o desfrute dos outros leitores. Esse leitor benfazejo é o editor.

A prática da edição é tão antiga quanto os primeiros volumes, ou livros em rolo. Tímon (320 a.C.-235 a.C.), o filósofo cético, referia-se à Biblioteca de Alexandria como a “gaiola das musas”, onde uns “garatujadores” se punham a ler, copiar e comentar textos antigos. Conta o poeta de Fliunte que Zenódoto de Éfeso (330 a.C.-260 a.C.), o primeiro bibliotecário daquela instituição monumental, fundada na “populosa terra do Egito”, procedia a interpretações e intervenções de qualidade duvidosa ao copiar os textos da *Ilíada* e da *Odisseia*, o que colocava suas edições sob suspeita.

Nos tempos de Cícero (106 a.C.-43 a.C.) o ato de editar um texto adquire sentido mais amplo. São conhecidas as cartas que o grande orador, escritor e bibliófilo romano endereçou a Ático (109 a.C.-32 a.C.), o amigo abastado, de uma cultura helenista refinada, que não poupava recursos materiais e

escravos – gregos, na sua maioria – para a edição e publicação de bons escritos. Ou seja, a arte da edição não se restringia mais ao estabelecimento de cópias dos registros antigos para a sua preservação nas bibliotecas. Tratava-se, agora, de tornar público um texto. Tal perspectiva explica o conteúdo semântico original do latim *editor*, *editoris*, ou seja, o que gera, que produz, ou aquele que causa; e, por extensão, o autor, consoante o verbo *edere*, de parir, publicar, expor, produzir, de acordo com Emanuel Araújo. Há, na verdade, duas ações em jogo: enquanto *edere* equivale a lançar um produto literário sem procurar difundir-lo amplamente, *publicare* descreve o processo pelo qual o texto se torna público, ou seja, quando ele escapa ao poder do autor. Nos dois casos a função editorial é imprescindível, tanto no aspecto da crítica ao texto quanto no que toca à cópia e reprodução do original.

A revolução de Gutenberg intensificou ainda mais a oposição entre a escrita (= original) e o texto (= impresso), na medida em que a possibilidade de reprodução mecânica do livro exigiu novos níveis de profissionalização e de padronização. A publicação de textos eruditos se torna, então, uma atividade colegiada, com ampla participação de especialistas em diferentes fases de construção do livro, desde a seleção do manuscrito, donde a importância da filologia no alvorecer da Época Moderna, passando por decisões de ordem estética, ou seja, a escolha de tipos, a definição da quadratura da página e do formato do volume, até as intervenções de natureza editorial, ou seja, a inserção de paratextos, a hierarquização das informações e, claro, a revisão do exemplar impresso. Como escreve Alonso Victor de Paredes em sua preciosa *Institución y Origen del Arte de la Imprenta*, esse ancestral raro do *Manual de Editoração e Estilo* que o leitor tem em mãos, uma bela edição traz o equilíbrio entre a alma (a boa doutrina) e o corpo (a forma) gracioso e elegante do livro.

Nesse sentido, parece correto afirmar que os editores são os verdadeiros guardiões de uma longa linhagem de leitores benfazejos que zelam pela preservação e publicação dos textos. Pode-se mesmo dizer que o editor sobreviveu a todas as revoluções que incidiram sobre a cultura escrita: a passagem do rolo ao códice, no primeiro século da era cristã; a invenção da imprensa, em meados do século xv; e a emergência do texto digital, a qual permite, nos dias atuais, a leitura em diferentes suportes ou plataformas. Se houve ou ainda há alguma dúvida quanto à sobrevivência do códice diante de uma revolução midiática em curso, não parece ter ocorrido a ninguém questionar o papel central que desempenha o editor no processo de construção do texto. No limite, é possível

pensar que as novas tecnologias concorram para uma maior articulação entre as funções do autor e do editor, o que tornaria os escritores, como já ocorreu noutras épocas, editores de seus próprios escritos. Afinal, entre a escrita e o texto há muitos (des)caminhos a percorrer.

Escritores tecem como aranhas as palavras, enquanto os editores redeseñham, fio a fio, o tecido de símbolos a que chamamos texto. É trabalho de artesão, dos mais refinados. Não menos artesanal e engenhosa é a construção desse *Manual de Editoração e Estilo*, cujas tramas foram desenhadas pelo maior editor brasileiro em atividade. Plínio Martins Filho o realizou com paciência, cuidado e tenacidade no fio do tempo. A construção do livro e as regras de construção do livro são aqui tão bem exemplificadas e tão bem descritas, que se torna difícil estabelecer uma distinção clara entre conteúdo e continente. O volume conquista fácil o leitor por seus atributos estéticos e pela composição harmoniosa das páginas. A mesma harmonia que se observa na estrutura dos capítulos. Primeiramente, os aspectos formais e a hierarquização das partes constituintes do livro, noutros termos, a tessitura do original. Investe-se, então, nas tramas menores: nos detalhes tipográficos, na conformação das letras e no uso dos sinais diacríticos. Nada lhe escapa. Tecer é normalizar, domar a escrita, forçar uma coerência entre as partes e o todo, e estabelecer o diálogo entre a ideia e o símbolo. Como o diz o autor e editor deste belo volume, editar é ordenar o caos.

Por tudo isso o editor é aquele leitor benfazejo, que teima em ver na filigrana o que ninguém se dá por conta. E o *Manual de Editoração e Estilo* de Plínio Martins Filho leva todas essas regras às últimas consequências. É leitura de referência para os artesãos do ramo. E passagem obrigatória para todos os tipos de leitores que encontram no livro a melhor morada para se viver.



# INTRODUÇÃO

*Habent sua fata libelli*<sup>1</sup>.

TERÊNCIO MAURO

Por melhor que seja a apresentação gráfica de um livro, somente um texto bem cuidado pode sustentar o interesse em sua leitura. Nas empresas jornalísticas e revistas especializadas, são comuns os manuais de estilo, que orientam e determinam a característica final dos escritos a ser publicados.

No caso da publicação de livros, cada editora tem suas normas de preparação, nem sempre escritas. Essas regras visam, sobretudo, a orientar a edição dos originais segundo determinados critérios que imprimam unidade e coerência ao texto, conferindo-lhe ainda uniformidade global, mediante padrões formadores e informadores da obra, e não a ensinar ao preparador ou editor como se deve escrever. Por isso, preferimos o título *Manual de Editoração e Estilo*.

Quando uma obra é aprovada para edição, considera-se que o autor forneceu um texto correto dos pontos de vista informativo e gramatical. No entanto, dificilmente esse material apresenta coerência total no que se refere ao uso sistemático de pontuação, acentuação, maiúsculas, minúsculas, realces gráficos (itálico, negrito etc.), abreviaturas, citações, notas de rodapé, bibliografia e muitos outros elementos. Quase 100% dos originais necessitam de normalização.

Há dois tipos básicos de normalização de texto: a empírica, da editora, e a teórica, mais orientada para a área de documentação, feita pelos centros especializados. É importante ter em mente, porém, a necessidade de se evitar qualquer padrão normalizador absoluto.

O trabalho de publicação de um livro abrange, inicialmente, sua produção intelectual e, em seguida, sua produção física. Concebido por um ou mais autores, preparado por uma equipe de profissionais, um livro editado é o resultado da atividade criativa de várias pessoas.

Do ponto de vista do editor, o livro pode ser grande, médio, pequeno, grosso, fino, tendendo a diversos formatos, tais como o inglês, retangular e alongado no sentido vertical, ou o francês, quase quadrado. Portanto, em função dos diferentes aspectos das obras, um editor pode fazer toda uma tipologia do livro.

1. Terêncio Mauro, *De Litteris Syllabis Pedibus et Metris*, verso de 1286: *Pro captu lectoris habent sua fata libellis* (Os livros têm seu destino de acordo com a capacidade do leitor).

Fato relevante, pois envolve uma questão cada vez mais séria, se levarmos em conta o mercado e a cultura, em termos de rendimento econômico e de padronização segundo normas específicas.

O que aqui chamamos de “norma” é um aspecto imanente, intrínseco a certas situações. Deve nascer de um consenso, como um produto espontâneo da vida social. O homem sabe que regras existem e, aos poucos, observando a sociedade e a si mesmo, encontra algo que se assemelha a esse conceito de norma, a esse consenso obrigatoriamente aceito e praticado por todos, pelo menos em determinadas situações.

A norma é extremamente eficaz, pois propicia a existência da sociabilidade pacífica. Há muito, temos buscado criar normas artificiais para viver em harmonia. Há coisas que parecem aceitas naturalmente pela sociedade; outras têm de ser objeto de catequização, e até de imposição policial com o uso da força. É o lado coercitivo da normalização.

O que trazemos aqui é uma proposta de normalização na edição de livros que possa corresponder a uma unificação racional de critérios para a apresentação material e a preparação do texto. Ou seja, mantendo a capacidade de diferenciar os inúmeros objetos editoriais e as características individuais de cada obra, tais critérios devem agrupar-se em categorias, classes, espécies e gêneros, facilitando desse modo o trabalho de quem edita livros e a compreensão desse objeto pelo leitor.

Há tentativas de se fazer a normalização tanto no que se refere ao aspecto material do projeto gráfico bem como do ponto de vista textual (preparação do texto). Vale acentuar, mais uma vez, que a padronização deve ser produto da vontade coletiva, consensualmente obtida e jamais estabelecida de modo absoluto.

Assim como o projeto gráfico do livro é um elemento marcante e caracterizador de quem o edita, a edição de texto é outro aspecto do trabalho que, apesar de não ser tão visível, tem igual ou maior importância em um projeto global de editoração. Enquanto o projeto gráfico é concebido quase sempre por um único profissional e executado por poucas pessoas, a edição do texto exige o concurso de vários profissionais, todos eles envolvidos com as palavras, desde o autor, para a produção formal do original, até o revisor de provas. Daí a necessidade de um manual que, além de instrumento básico de trabalho, sirva de elemento de padronização do texto.

De fato, normalizar um texto significa dar coerência e homogeneidade aos seus elementos gráficos, além de uniformizar as diferentes grafias das palavras segundo normas preestabelecidas.



O conceito de normalização é fundamental em todo tipo de trabalho textual, sobretudo naqueles destinados a ser impressos e/ou publicados, pois afeta não só a sistematização dos elementos gráficos, como também as regras da escrita das palavras e sua disposição no material editado. Sua aplicação racional requer tanto o conhecimento dos aspectos linguísticos quanto o domínio do que aqui podemos chamar de “grafia” técnica, a ser utilizada por preparadores e revisores de texto.

A normalização de critérios de uma obra começa com o próprio escritor. Poderíamos dividi-la, do ponto de vista da criação do autor, em macronormalização e micronormalização. A primeira diz respeito à estruturação geral da obra, ao equilíbrio de conteúdo, à hierarquização das partes nas quais se divide o texto etc. A segunda relaciona-se com todos os elementos manejados pelo autor para escrever e expor o tema de sua obra: escolha de grafias e de realces gráficos, citações, bibliografia etc.

A normalização tem, portanto, um componente intelectual (estruturação do trabalho), um componente técnico (como expressá-lo graficamente) e, por fim, um componente ortográfico (escolha das grafias).

Já do ponto de vista intelectual, não seria equilibrada nem normalizada uma obra na qual uma parte importante (em função do enfoque dado à matéria) recebesse tratamento inferior ao concedido a um trecho menos importante do conjunto.

Do ponto de vista técnico, a obra tampouco seria coerente se lhe faltassem as normalizações ortográfica e gráfica, que exigem uma padronização – a ser utilizada em todo o texto – referente à dupla grafia de palavras, à acentuação, ao uso de maiúsculas e minúsculas, de itálicos, de aspas etc.

Nesse sentido, percebe-se que não é possível estabelecer um conjunto de regras de normalização tão abrangente que seja capaz de abarcar todos os tipos de originais (técnicos, religiosos, científicos, acadêmicos, didáticos etc.); o que se tenta aqui é relacionar os aspectos mais importantes que podem servir de ponto de partida.

Uma olhada à nossa volta e um instante de reflexão bastam para mostrar que nossos procedimentos e suas múltiplas possibilidades de ocorrência, em todos os sentidos, são altamente convencionados e padronizados, seja por regras estabelecidas formalmente, seja por usos e costumes que nos afetam em maior ou menor grau, inconscientemente ou não.

Por isso, é surpreendente que muitos aspectos da metodologia para a expressão gráfica dos trabalhos técnicos, científicos, literários etc. careçam de regras

estabelecidas por um organismo padronizador, capaz de fixar um modelo de referência considerado mais adequado. Na falta de tal entidade organizadora, cada indivíduo ou grupo produtor de textos impressos pode converter-se em normalizador *sui generis*.

Desse modo, não é estranho advertir que os vários meios de comunicação impressa aplicam soluções diferentes – e até contrárias – na expressão dos mesmos elementos gráficos.

A preocupação com a exatidão e com a coerência da grafia, seja técnica, seja científica, deve ser uma constante, principalmente com relação ao estilo a ser adotado na apresentação dos originais, na preparação e na revisão de textos.

Os editores de livros e de jornais não raro prestam pouca atenção a essa normalização em suas publicações, mesmo sabendo que uma das principais causas de atrasos e gastos na edição é a falta de critérios nesse aspecto particular de seu trabalho. Tal problema envolve todos aqueles que trabalham com texto, desde o diagramador até o editor.

No Brasil, temos a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que vem desenvolvendo, embora de modo parcial e nem sempre unificado, um trabalho de normalização para os livros. No entanto, não só no Brasil como em outros países, cada centro normatizador aplica suas próprias regras, de modo que textos de diferentes editoras e publicações periódicas acabam por não obedecer aos mesmos padrões. Com respeito às revistas científicas, por exemplo, cada uma adota normas próprias de apresentação dos textos de seus colaboradores.

A questão, como se vê, afeta autores, tradutores e redatores, mas também – e de maneira muito especial – revisores e preparadores de texto, que se veem constrangidos a aplicar soluções diferentes aos mesmos problemas, de acordo com a editora responsável pela edição.

Nos últimos anos, no entanto, nota-se em alguns editores de livros, e principalmente de jornais, certa preocupação em adotar normas de preparação que procurem resolver os problemas mais cruciantes nessa área. Tais normas, porém, nem sempre coerentes e, em muitos casos, díspares, só têm tido êxito no âmbito de poucas empresas.

Consciente de que o ato de preparar e/ou normalizar é um ofício muito comprometedor, este *Manual* espera prestar alguma ajuda a escritores, editores (literários, técnicos ou científicos), preparadores de texto, revisores de provas, bem como a digitadores, *designers* e diagramadores, tão carentes das informa-

ções tipográficas que tinham os linotipistas – verdadeiros auxiliares dos autores, editores e revisores – e hoje praticamente desaparecidos.

No entanto, é importante realçar, mais uma vez, o fato de que a norma não deve obscurecer ou escravizar. Em muitos casos, existem várias maneiras de solucionar os problemas editoriais referentes à área que nos ocupa, cabendo então apelar para o bom senso a fim de orientar a melhor maneira de apresentar um original.

Na edição de trabalhos acadêmicos (dissertações de mestrado, teses de doutorado e de livre-docência etc.), por exemplo, constata-se que há uma diversidade de normas, e quase sempre o padrão adotado difere daquele utilizado nas editoras, sejam elas universitárias ou não. Tais disparidades geram um trabalho enorme e demorado por parte do preparador de texto.

Foi pensando nos orientadores de trabalhos acadêmicos e em seus orientandos, nos profissionais ligados ao mundo dos livros, nos alunos e estagiários que se iniciam no setor de revisão e preparação de texto que decidi elaborar este *Manual*, com base em muitas décadas de prática em editoras acadêmicas na área de edição e produção editorial de diferentes obras e na observação e pesquisa de publicações de outras editoras, principalmente das universitárias norte-americanas e inglesas.

